



*Muriel Pic*

AS DESORDENS DA BIBLIOTECA

*Fotomontagens*

seguido de

A BIBLIOTHECA OBSCURA DE W. H. F. TALBOT





*Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication 2014 Carlos Drummond de Andrade de la Médiathèque de la Maison de France, bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires Étrangères et Européennes.*

*Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação 2014 Carlos Drummond de Andrade da Mediateca da Maison de France, contou com o apoio do Ministério francês das Relações Exteriores e Europeias.*





*Muriel Pic*

AS DESORDENS DA BIBLIOTECA

*Fotomontagens*

seguido de

A BIBLIOTHECA OBSCURA DE W. H. F. TALBOT

Prefácio

*Christian Prigent*

Tradução e posfácio

*Eduardo Jorge de Oliveira*







*Em resumo, D. Quixote enfrascou-se tanto na sua leitura que a ler passava as noites inteiras em claro e os dias cada vez mais na escuridão; e assim, do pouco dormir e do muito ler, secou-se-lhe o cérebro, de maneira que acabou por perder o juízo. Encheu-se-lhe a imaginação de tudo o que lia nos livros, não só de encantamentos como contendas, batalhas, desafios, feridas, galanteios, amores, adversidades e disparates impossíveis; e assentou-se-lhe de tal modo na imaginação que era verdade toda a trama daquelas soadas e sonhadas ficções que lia, que para ele não havia outra história mais verdadeira no mundo.*

Miguel de Cervantes, *Don Quixote I* (1605)

*De fato, toda paixão confina com um caos, mas a de colecionador com o das lembranças. Contudo, direi mais ainda: o acaso e o destino que tingem o passado diante de meus olhos se evidenciam simultaneamente na desordem habitual desses livros. Pois o que é a posse senão uma desordem na qual o hábito se acomodou de tal modo que ela só pode aparecer como se fosse ordem? (...) toda ordem é precisamente uma situação oscilante à beira do precipício.*

Walter Benjamin, *Desempacotando minha biblioteca* (1931)

*Assim como o colecionador, o fotógrafo é animado por uma paixão que, mesmo quando aparenta ser paixão pelo presente, está ligada a um sentido do passado. Mas, enquanto as artes tradicionais da consciência histórica tentam pôr o passado em ordem (...), a abordagem do fotógrafo – a exemplo do colecionador – é assistemática, a rigor, antissistemática.*

Susan Sontag, *Sobre a fotografia* (1977)

*Não é nada mau que nossas bibliotecas sirvam de vez em quando como cola para exames, como repouso de gato ou porta-trecos.*

Georges Perec, *Penser/Classer* (1985)

*Também sobre os livros nas prateleiras havia maços de papéis enfiados em todos os lugares possíveis (...) Quando lhe disse que ali no meio de sua papelada ela parecia o anjo imóvel da melancolia de Dürer entre os instrumentos da destruição, ela respondeu que a aparente desordem de suas coisas na verdade representava algo parecido com uma ordem perfeita ou a caminho da perfeição.*

W.G. Sebald, *Os anéis de Saturno* (1995)





\* Nota do editor: para as citações da página anterior optamos por utilizar traduções já existentes (exceto a de Georges Perec, cuja tradução é livre):

Cervantes, Miguel. *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha* (I e II). Trad. José Bento. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2007, p. 40-41.

Benjamin, Walter. "Desempacotando minha biblioteca". In *Rua de mão única* (Obras escolhidas II). Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 228.

Sontag, Susan. *Sobre a fotografia*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 92.

Perec, Georges. *Penser/Classer* (1985). Paris: Seuil, 2003.

W.G. Sebald. *Os anéis de Saturno*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 18-19.





## Na casa dos homens

1

O bibliotecário de Arcimboldo é um homem *de livros*, como existiu um homem *de ferro* (Grimm) e, mais próximo de nós, um homem *de merda* (Christophe Tarkos). O que pode nos emocionar nessa imagem não é sua qualidade pictórica, mas a verdade que ela expõe tão ingenuamente: não existe homem tal e qual senão aquele feito pela matéria dos livros. Pois um *livro* é, para nós (para outros foram pedras cortadas, tábuas gravadas, feixes de papiros ou rolos de pergaminhos), o emblema daquilo que é o apanágio do humano: o poder de representar o mundo e a vida pelas palavras.

As montagens fotográficas de Muriel Pic não nos mostram homens “feitos de livros”, mas os próprios livros, cuja acumulação mais ou menos ordenada constitui a biblioteca de um homem (com frequência, trata-se de um homem decididamente “de livros” mais que a média dos homens: um escritor). Assim, elas também mostram, a seu modo, esse homem. Certamente, elas não o *representam*. No entanto, pelo menos a representação estilizada que nos propõem

7





significa o homem que leu esses livros ou que os teve no seu entorno, que habitou o espaço construído por eles e que neles enroscou seu corpo, como num exoesqueleto de sua vida mental.

## 2

Vista por Muriel Pic, uma biblioteca é uma organização de caixas ao modo de Louise Nevelson. Essas caixas são ocupadas por uma lâmina mais ou menos oblíqua, que diríamos estar fixa sobre uma espécie de retábulo, com algumas vinhetas ortogonais incrustadas por dentro ou presas por cima.

Um (o laminado) se desenrola ritmicamente de lado (é um mergulho panorâmico); o outro (as vinhetas) avança de frente e se concentra em um ponto (é uma série de breves planos de corte). Diríamos que o laminado cinético é um movimento estratificado de tempos mais ou menos antigos (memórias, emoções, saberes acumulados). E que o frontal incrustado dispõe de pontos de presente, que brilham. Assim, a imagem vive sua pequena vida: ela sutura, numa espécie de breve movimento no local, tempos e espaços.

Vale notar que essa atividade de costura, eternamente feita, desfeita e refeita, do folheado acelerado e do brilho fixo (depois tudo é desafixado com a mesma rapidez e mexido novamente) pode ser uma metáfora do trabalho da escrita (a composição das temporalidades que faz com que pensemos, figuremos, simbolizemos): epifania, formação, deformação, agonia – e *da capo*.<sup>1</sup> E como ela descre-

<sup>1</sup> “A partir do começo”, locução italiana para notação musical (N. T.).





ve muito bem essa atividade, que vê a urgência de um presente insensato (podemos dizer: “inspiração”, “raiva da expressão”<sup>2</sup>...) empunhar o folheado dos tempos saturados de significações, bloquear um instante seu curso em direção ao esquecimento, torcê-lo de outra forma, expressar dele sem saber *a priori* o quê, costurar rapidamente alguns pontos entre si e ele, e, dessa provisória ação de sutura, produzir estilo, visão, proposição de mundo, narrativa, etc.

Observaremos, então, as pequenas imagens como algo além de vistas para os interiores onde vivem as pessoas que amam os livros.

### 3

Essas montagens nos dizem, a seu modo, que uma biblioteca não é apenas uma acumulação de livros dispostos em ordem (mais ou menos) definida sobre as estantes.

Elas nos mostram, antes, que uma biblioteca sempre projeta na tela de uma parede um filme de aventura, porque cada uma das montagens é como um fotograma retirado de uma fita cinética. Seguramente, essa aventura é aquela de quem possui e utiliza a dita biblioteca: vê-se que ela significa menos pelos livros que a compõem (cujos títulos frequentemente não conseguimos ler) que pelo disparate de bibelôs aleatórios (e nenhum sentido que possam ter é capaz de abolir para nós o enigma de sua presença) e pelas guirlandas de fotografias alojadas ou penduradas que fazem,

<sup>2</sup> *Raiva da expressão*, locução consagrada pelo poeta francês Francis Ponge (1899-1988), que assim chamou o desejo incontrollável de se expressar em conflito com uma linguagem limitada, ou mesmo falseada, por suas imperfeições (N. T.).





em meio ao anonimato dos livros, aflorar o extremamente íntimo (e, portanto, para nós, a insignificância).

Mas esses fotogramas enfatizam que a aventura filmada não é apenas a desse homem, sempre singular, que herdou, adquiriu pessoalmente e organizou sob medida as obras. Seu vermelho envernizado, desgastado aqui e ali, insípido, amarronzado ou acinzentado pelo tempo, propõe, antes, sempre uma parada pontual sobre uma imagem bem maior. Ela enquadra e fixa uma sequência do filme interminável que é a odisseia da espécie dedicada aos negócios do seu Pai, quer dizer, gratificada pelo dom da palavra – e, assim, convocada a redobrar sua vida pelo pensamento falado dessa vida, e mesmo convidada a observar esse revestimento sobre as lápides, cacos, volumes, códex, telas digitais.

Enfim, não existe humano que se satisfaça apenas com o fato de viver. Eis porque não existe nenhum humano que não “leia”. Cada um lê, na medida em que vive, no mínimo a representação que faz de sua própria vida. Em seguida, lê aquelas que outros fazem da vida, por exemplo, nos livros. Do acúmulo “mOtérialisé”<sup>3</sup> (como diria Lacan) e depois materializado (nos objetos impressos) dessas representações é que são feitas as bibliotecas. Quem nos mostra essas imagens selecionadas e sintetizadas mostra algo além de um pedaço de decoração pitoresca e doméstica. Faz com que vejamos

3 “Palavrizado”: neologismo criado por Lacan para designar ao mesmo tempo “palavra” e “matéria”, cuja tradução prejudica o jogo de palavras do original em francês. Formado a partir de *mot*, que em francês significa “palavra”, e a terminação da palavra “materializado”, num jogo semântico em que a troca da letra A pelo O traz a “palavrização”, isto é, a realização, no caso, das representações de vida, ou leituras (N. T.).





um pensamento embalsamado por um revestimento ostensivamente congelado: uma figura da atribuição de nossas vidas às formas de sua representação – um *flash* sobre aquilo que faz com que a espécie seja espécie.

4

Dessa figura sequenciada e fixada, pouco importa, de início, o detalhe, a distinção, os conteúdos de significação. Sendo assim: títulos, nomes, livros individualizados e aquilo que o libelo desses enunciados nos diria sobre um *habitus*, sobre uma composição de gostos, uma cultura, uma história íntima (aquela do proprietário da biblioteca).

O que importa é uma matéria folheável, mais ou menos amontoada, mais ou menos oblíqua, com o foco projetado em um fundo apreendido por uma só olhada. Vemos bem como esse folheado, esse amontoado confuso, essa obliquidade dinâmica seriam legíveis. Poderíamos encontrar aí os traços de um desejo, de uma gula. Descreveríamos como a inclinação mais ou menos torta dos cortes conserva algo de um ímpeto polêmico. Perguntaríamos qual impulso de repentina claustrofobia motivou essa superposição esburacada, essas lacunas respiratórias na maré dos pensamentos e narrativas impressas.

O desafio, no entanto, não está aí. A *matéria folheada* a que me refiro, esta que o recuo focal põe no abismo em um fundo paisagístico não figurativo, sensualmente alisado e abstratamente estriado, é apreendida ao mesmo tempo como textura e como emblema. Textura indiferenciada, porque está sumariamente condensada





na imagem desses saberes, dessas expansões imaginárias e desses blocos de memória que sabemos que preenchem esses livros, que fixam nos seus vernizes a imagem que os *recebe*. Emblema, porque, cortada, martelada e entalhada como um escudo, ostentada com móveis, cores, metais e figuras, ela codifica a potência simbólica que produziu esses saberes, essas ficções, essa legendagem de vidas. Armários, em suma, da Casa dos homens.

5

O que certamente nos mostram as imagens compostas por Muriel Pic é que uma biblioteca, assim fotograficamente escolhida e fixada, e, depois, recortada e recomposta de modo abstrato, desenha o brasão daquele a quem pertence e, ao nos mostrar o que ele lê, diz quem é que a possui.

Além disso, elas sugerem que o quadro de uma biblioteca é sempre o escudo heraldicamente ornado daqueles que não vivem apenas por viver, mas também que falam de suas vidas e que as vivem em livros – em suma, a humanidade.

É de onde vem um pouco de emoção. E a ideia de que adoraríamos deslizar, entre todos os livros que já estão aí, o nosso próprio pequeno pedaço de humanidade impressa, para que se acomode, equiparado e impulsionado por uma teoria completa de tudo aquilo que foi antes imaginado, pensado, escrito e depois disposto sobre as prateleiras, antes de ser consagrado ao cinza sedimentado do tempo.

*Christian Prigent*  
Março de 2008

12

